



## LETRAMENTOS DIGITAIS: DO CONCEITO À PRÁTICA DOCENTE

Dionatan Born Garcia<sup>1</sup>; Flávia Ferreira Mendes Silva<sup>2</sup>; Jaison Marques Luiz<sup>3</sup>; Luis Otoni Meireles Ribeiro<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Norte do Paraná – [dionatan.b.garcia@gmail.com](mailto:dionatan.b.garcia@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [flaviaferreiramsilva@gmail.com](mailto:flaviaferreiramsilva@gmail.com)

<sup>3</sup>Instituto Federal Sul-rio-grandense de Pelotas - [jaisonmarkss@gmail.com](mailto:jaisonmarkss@gmail.com)

<sup>4</sup>Instituto Federal Sul-rio-grandense de Pelotas - [luis.otoni@gmail.com](mailto:luis.otoni@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Por mais que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) e as metodologias ativas, de modo geral, estejam em pauta em diversos cursos de graduação, percebe-se que o conceito de Letramento Digital ainda causa estranhamento em muitos docentes. Contudo, os debates em torno da ideia da necessidade de um letramento digital, diferente do letramento impresso, tornou-se mais frequente no período atual, motivado pelas mudanças e adaptações nos processos de ensino e aprendizagem de todas as etapas da educação, as quais foram necessárias por conta da pandemia de Covid-19.

A situação pandêmica de Covid-19 compulsou docentes de todo o território nacional à migração de encontros presenciais para um modelo de ensino não presencial. O referido movimento, por sua vez, trouxe a lume fragilidades relacionadas aos letramentos digitais da categoria docente.

Tendo em vista a situação descrita, o presente trabalho investiga a perspectiva dos Letramentos Digitais na visão dos docentes que atuam em universidades situadas na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, com objetivo de compreender as concepções sobre os Letramentos Digitais dos referidos docentes, assim como as literaturas que influenciam suas visões sobre a temática, e projetar a forma como estes sujeitos se reconhecem como usuários *confortáveis e experientes* com a tecnologia. (DUDENEY, 2016)

### 2. METODOLOGIA

O metodologia da pesquisa para a coleta de dados deu-se por meio de uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva quanto aos seus objetivos. Sua realização deu-se através da aplicação de uma entrevista online, via Google Meet, a qual foi composta por nove (9) questões semiestruturadas, que foram aplicadas tanto com docentes de Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, quanto privadas.

Para análise e discussão dos dados coletados, foram estabelecidas categorias de análise, através da interpretação das falas dos docentes, as quais se baseiam no impacto emergencial da realidade docente, demonstrando as questões abordadas anteriormente, sobre o sentir-se confortável ou experiente (DUDENEY, 2016), assim como a relação dos conceitos destes docentes, com a escala estipulada por eles, para questões do contexto digital.

A tabela 1 apresenta as questões formuladas aos professores com o objetivo de coletar os dados que serão discutidos na sequência deste trabalho.

**Tabela 1: Instrumento aplicado com os docentes das IES pública e privada**

Nº	Perguntas a serem respondidas na entrevista com os docentes via Google Meet
----	---

1.	Qual é a sua idade?
2.	Qual é a sua área de formação?
3.	Há quanto tempo você atua no ensino superior?
4.	Você atua na rede pública ou na rede privada?
5.	Antes da pandemia, você utilizava as TDIC em sua prática docente? Se sim, quais?
6.	A instituição em que você trabalha promoveu eventos de formação para a utilização das TDIC durante a pandemia?
7.	Antes da pandemia, a instituição já ofereceu esse tipo de curso?
8.	Como você conceitua letramento digital?
9.	Em uma escala de 1 a 5, o quão digitalmente letrado(a) você se considera?

Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

A aplicação do instrumento de pesquisa deu-se em diferentes dias e horários, os quais foram agendados com cada professor. Tendo isso em vista, a necessidade de realizar recortes para viabilizar os estudos. Neste resumo, o foco estará nas respostas referentes às perguntas oito (8) e nove (9).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados dezoito (18) professores do ensino superior, de ambos os sexos, com faixa etária entre vinte e três (23) e sessenta e um (61) anos de idade. Destes, seis (6) trabalham ou já trabalharam em IES da rede pública e os demais atuam na rede privada.

Com relação às áreas de formação dos docentes, há uma grande diversidade, das ciências humanas, exatas, sociais, da saúde e comunicação, com experiências que variam de um (1) até vinte e seis (26) anos de atuação.

Em suas concepções sobre o letramento digital, oito (8) destes mencionaram não ter clareza ou contato com a terminologia, por não ser presente no seu vocabulário e área de atuação. No entanto, a maioria buscou conceituá-lo.

Nas tentativas, os professores trouxeram analogias com a alfabetização. Sendo assim, os entrevistados explicaram o conceito a partir da ideia de que tornar-se digitalmente letrado é conseguir, de alguma forma, decodificar textualidades digitais “nova alfabetização”. (DOCENTE D). Além disso, o conceito também foi explicado algumas vezes como uma formação para o uso das TDIC “conjunto de ferramentas que são utilizadas para os processos de ensino e aprendizagem”. (DOCENTE E)

Embora os conceitos apresentados estejam em desacordo com o que atualmente circula nas literaturas da área, não podemos afirmar que a correlação apresentada nunca existiu. Os primeiros conceitos trazidos e amplamente divulgados sobre a temática apontavam para esta ideia de Letramento Digital como “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela”. (SOARES, 2002, p.151)

O conceito de letramento surgiu, no Brasil, pela primeira vez, em 1986 por Mary Kato (SOARES, 1998, p.15). Junto a esse conceito surge o letramento digital, o problema central em torno disso era a falta de domínio no uso de

competências de leituras e escrita nos computadores da época. Então, como uma necessidade para reforçar a importância das habilidades de leitura e escrita, surge o movimento de letramento digital.

Logo no início dos anos 2000, os conceitos de letramento e alfabetização foram associados. Tornar-se digitalmente letrado era entendido como um novo processo de aprendizagem das habilidades de leitura, escrita e interpretação de textos. Mas, ao longo do tempo, a conceituação foi revista.

Como é sabido, vivemos em tempos nos quais as mudanças ocorrem cada vez mais depressa e as certezas estão em escassez. Não imaginávamos que essas novas tecnologias operariam “mudanças tão profundas que vêm afetando os corpos e as subjetividades nos últimos tempos, e que agora permitiriam vislumbrar a consumação de uma metamorfose”. (SIBILIA, 2012, p. 16)

Para Soares (2004, p.96), o surgimento do termo pode ser interpretado:

[...] como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização.

Na literatura produzida na área atualmente, há um consenso em torno da ideia de que a expressão “Letramento” é uma concepção plural (PEGRUM, 2011), a qual apresenta uma visão de Letramentos como práticas sociais a serem desenvolvidas, não restringindo apenas a habilidades e competências individuais. (BARTON e HAMILTON, 2000)

Com o avanço e maior democratização da tecnologia e, principalmente, pelo cenário pandêmico em que nos encontramos, torna-se incompatível com os corpos e com as novas subjetividades dos sujeitos a compreensão de Letramento Digital como uma simples “ampliação do leque de possibilidades de contato com a leitura e a escrita também em ambiente digital” (COSTARELLI e RIBEIRO, 2005, p.9)

Os Letramentos Digitais, segundo DUDENEY (2016, p. 17) são “Habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação global”, e assumem um viés social, para além das práticas de alfabetização.

Dentre as concepções apresentadas pelos entrevistados, uma estava próxima desse conceito como “Práticas de letramento voltadas para o uso das tecnologias, assim como dominá-las em termos de práticas sociais de leitura e escrita”. (DOCENTE C)

Mesmo que a referida professora tenha apresentado essa conceituação, ela afirmou considerar-se analógica, assim como outros entrevistados. No que diz respeito à pergunta nove (9), as respostas revelaram a pontuação dois e seis (2,6) na autocrítica em escala de um (1) a cinco (5), fato que evidencia quanto são emergentes as formações continuadas referentes à temática, para que professores do ensino superior sejam capazes de, não só utilizar as TDIC, mas também atribuir sentido e intencionalidade pedagógica às suas práticas de ensino e aprendizagem mediadas pelas tecnologias.

#### 4. CONCLUSÕES

Muito se discute sobre a necessidade de atualizar as práticas docentes e no desafio apresentado ao professor em utilizar a tecnologia digital a seu favor, tendo-se em vista que seus alunos, geralmente, já estão inseridos na cultura

digital. As entrevistas realizadas, entretanto, explicitaram outro desafio igualmente grande: a formação continuada capaz de atualizar concepções de ensino e, desta forma, da ideia de Letramento Digital.

Ao aceitarmos que a humanidade caminha em direção à digitalização dos processos, é inevitável perceber que o modelo tradicional de ensino não pode ser rígido e que o letramento digital passará a ser tão importante para a área como, hoje, é o letramento impresso. Em outros termos, a pesquisa aponta para urgência em aproximar a esfera digital das salas de aula. Através do uso das TDIC é possível expandir as práticas pedagógicas, tornando o processo de ensino aprendizagem mais dinâmico e fazendo com que o aluno seja um participante ativo desse processo. Porém, não só para a expansão de potencialidades pedagógicas está em discussão, mas também a preparação de sujeitos para uma sociedade conectada, cujas relações pessoais e profissionais se digitalizam em uma velocidade surpreendente.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTON, D.; HAMILTON, M. **Literacy Practices**. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (orgs.). *Situated Literacies: Reading and Writing in Context*. Londres: Routledge, 2000. p. 7-15.

COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 1. ed. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2005

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M.. **Letramentos digitais**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. 352 p.

KATO, M. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 2009. 144 p.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**; tradução Vera Ribeiro - Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade**: Campinas, vol.23, n.81, p.143-160. 2002.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica. 1998. Disponível em:

[https://www.academia.edu/29016114/SOARES\\_Magda\\_Letramento\\_Um\\_tema\\_de\\_tr%C3%AAs\\_g%C3%AAneros](https://www.academia.edu/29016114/SOARES_Magda_Letramento_Um_tema_de_tr%C3%AAs_g%C3%AAneros)

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos**. Porto Alegre. Artmed Editora. 2004. Disponível em:

<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>

UFMG. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Janeiro, 2004. Acessado em 18 set. 2020. Online. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>

PEGURUM, M. Modified, Multiplied, and (Re-)Mixed: Social Media and Digital Literacies. In: THOMAS, M. (org.). **Digital Education: Opportunities for Social Collaboration**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2011. p. 9-35.